

MUSICAL DE FILIPE LA FÉRIA TEM ESTREIA NACIONAL MARCADA PARA DIA 27

Um violino toca no Rivoli

Depois de «Jesus Cristo Superstar», ainda em exibição no Teatro Politeama, em Lisboa, é agora a vez de Filipe La Féria fazer no Porto a estreia nacional de «Um Violino no Telhado», um dos grandes clássicos musicais, em palco no Teatro Rivoli a partir do dia 27. Com um elenco de luxo, composto por José Raposo, Rita Ribeiro, Joel Branco e Hugo Rendas, entre outros, o espectáculo, da autoria de Jerry Boch e Sheldon Harnick, um dos mais célebres compositores da Broadway, é uma megaprodução que constitui a grande aposta do encenador português para 2008. À razão de 1,25 milhões de euros de orçamento. A mais cara de todas quantas La Féria já fez.

Por Jorge Carvalho

O Porto e o Teatro Rivoli voltam a servir de palco para a estreia nacional de um espectáculo de Filipe La Féria. Mais carismático e popular musical de sempre, surgido em 1964 na Broadway, «Um Violino no Telhado» vai ser levado a cena pela primeira vez em Portugal a partir do dia 27, depois de representado em praticamente todas as capitais europeias, no Japão, em Israel e no Brasil.

«Best-seller» de Joseph Stein, «Um Violino no Telhado» é a mais ambiciosa aposta de Filipe La Féria, uma megaprodução orçada em 1,25 milhões de euros (250 mil contos) que suplanta as produções de «Passa por Mim no Rossio», «Maldita Cocaína», «Amália», «My Fair Lady», «A Canção de Lisboa», «Música no Coração» e mesmo «Jesus Cristo Superstar», que também estreou no Porto e ainda está em exibição em Lisboa.

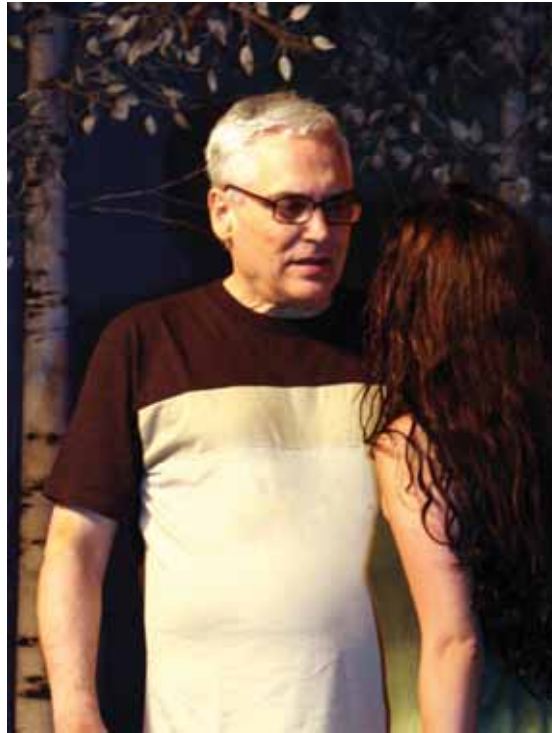
Disposto a voltar a escrever para teatro, o que faz desde os 16 anos, La Féria já confessou mesmo ao AUDIÊNCIA que o espectáculo que vai estreiar no Rivoli e «West Side Story», que irá substituir «Jesus Cristo Superstar» no Teatro Politeama, serão mesmo os dois últimos grandes clássicos musicais

que vai fazer. Espécie de «Mãe Coragem», de Bertolt Brecht, «Um Violino no Telhado» é assim um ícone mundial que visa marcar indelevelmente a produção de teatro musical levada a cabo por Filipe La Féria.

Uma vez mais reposto em Londres, o espectáculo baseia-se na história de uma pequena comunidade judaica do sul da Rússia no virar do século XX. A personagem principal é Tevye, interpretada por José Raposo, um leiteiro pobre que tem cinco filhas e uma mulher com uma língua sarcástica.

Pese embora a pobreza e o ambiente austero que se vive na Rússia dos czares, Tevye é um homem alegre e de bem com a família, os vizinhos e com o seu Deus, que, aliás, vê mais como um dos seus vizinhos do que propriamente como uma força omnipresente e poderosa.

O equilíbrio na comunidade judaica de Anatevka, assente na tradição, anunciada logo na abertura da peça, é posto em causa não apenas pelas autoridades czaristas, mas, acima de tudo, pelas novas gerações, que procuram fugir aos hábitos enraizados e ter uma palavra a dizer em relação ao futuro, designadamente quanto à opção de casar por amor e não por imposição dos pais.



Filipe La Féria ultima pormenores do novo musical

«Um Violino no Telhado» marca também o regresso de Rita Ribeiro aos palcos e aos espectáculos de Filipe La Féria, 10 anos volvidos, para interpretar o «papel próprio de uma grande actriz»: a mulher de Tevye, Golde. De volta ao Porto, depois de ter feito Maria Madalena em «Jesus Cristo Superstar», está Sara Lima, uma das muitas atrizes de Gaia que voltam a fazer parte do elenco de um musical de La Féria. A outra é, por exemplo, Sissi Martins, que veste a pele de Hodel, ou ainda Inês Soares, que participou já em «Jesus Cristo Superstar», «O Príncipezinho» e «Música no Coração», Nuno Martins, que também entrou em todos os espectáculos de Filipe La Féria no Porto, ou Mirró Pereira, outra filha da terra de Gaia.

Joel Branco é outra das caras conhecidas de «Um Violino no Telhado», acabado de participar em «Música no Coração». Eleito actor-revelação pelas

interpretações em «Jesus Cristo Superstar» e «Música no Coração», Hugo Rendas regressa também à Invicta para fazer parte do elenco do mais célebre musical de todos os tempos.

ELENCO

Actores	Personagens
José Raposo	Tevye
Rita Ribeiro	Golde
Sara Lima	Tzeitel
Sissi Martins	Hodel
Mafalda Tavares/Cátia Tavares	Chava
Helena Rocha	Yente
Hugo Rendas	Motel
Ruben Madureira	Perchik
Joel Branco	Lazar Wolf
Alexandre Falcão	Mordcha (taberneiro)
José Pinto	Rabi
Pedro Sousa	Mendel (filho Rabi)
Nuno Martins	Avraham (bibliotecário)
Rogério Costa	Nachum (mendigo)
Bruna Andrade	Gramma Tzeitel
Inês Soares	Furma Sarah
Francisco Silva	Violinista
Ivo Dias	Hone (vendedor)
Pedro Pires	Farcel (moço taberna)
Carlos Meireles	Chefe cossacos
Rui Andrade	Fyedka
Mirró Pereira	Rifka
Anita Trigueira	Shprintze
Catarina Leão	
Sofia Teixeira	
Ana Monteiro	Bielke
Ana Silva	
Ana Luísa	
Ana Ribeiro	Aldeões
Carla Oliveira	
Fernanda Rios	
Teresa Correia	
Bernardo Gavina	Crianças
Gonçalo Ferreira	
Guilherme Cardoso	
Hugo Santos	
José Loureiro	
Pedro Santos	

Bailarinos – Aleksandr Fesenko, Aleksandr Karpets, Angel Ramirez, Constantino Dias, Jorge Gomes, Pedro Simões, Rogério Costa, Sergey Sychuk e Vitely Bohun.

Figuração – António Silva e João Santos.

Músicos – Miguel Oliveira, Lécio Ribeiro, Flávio Azevedo, Miguel Azevedo, Pedro Cardoso, Emanuel Pacheco, Hugo Vieira, Bruno Carneiro, Pedro Lopes, Ricardo Miguel e Pedro Cunha.

FICHA ARTÍSTICA

Filipe La Féria	Encenação, cenários e figurinos
António Leal	Direcção vocal e assistente de encenação
Telmo Lopes	Direcção musical
Helena Rocha	Direcção de cena
Inna Lisniak	Coreografia
Miguel Oliveira	Maestro
João Fontes	Desenho Luz
Félix Fialho e Pedro Moreira	Desenho som
Rosa Areia	Contra-regra

FICHA TÉCNICA

Filipe La Féria	Direcção artística
Carlos Gonçalves e Irene de Sousa	Direcção de produção
João Lourenço e João Santos	Direcção financeira
Rui Colmonero	Assessoria jurídica
Tânia Ferreira	Gestão tesouraria
Patrícia Gilvaia, Isabel Rocha, Isabel Sousa e Sandra Faria	Produção
Isabel Sousa	Reservas grupos
Maria Jesus, Maria Diamantina e Maria Luísa	Reservas
Vitor Bacelar	Marketing
Maria Diamantina, Maria Luísa e Maria Videira	Bilheteira
Marta Ribeiro	Chefe sala

FILIPPE LA FÉRIA ESTREIA DIA 27 NO RIVOLI «UM VIOLINO NO TELHADO»

Não há melhor em Nova Iorque ou Londres

Prestes a levar à cena no Teatro Rivoli mais um dos grandes clássicos musicais, Filipe La Féria não tem pejo em afirmar que «Um Violino no Telhado» “é uma megaprodução sem paralelo” na panorama nacional e um espectáculo que não fica nada a dever aos que se fizeram um pouco por todo o Mundo. Aliás, em entrevista ao AUDIÊNCIA, o encenador dá a garantia de que “o público não consegue ver melhor em Londres ou em Nova Iorque”, em cuja cidade a peça de Jerry Bock e Sheldon Harnick esteve quase 10 anos e atingiu as quatro mil representações, e deixa mesmo descair que “é um projecto megalómano para o Porto”, orçado em aproximadamente 1,25 milhões de euros (250 mil contos), “o maior investimento de todos” quantos já fez. Depois dos êxitos com «Jesus Cristo Superstar» e «Música no Coração», La Féria está convencido de que “o espectáculo vai exceder todas as expectativas”, por ter “a espectacularidade” dos dois últimos musicais que passaram pelo Rivoli e, acima de tudo, por “ser uma história universal”, de humanismo e de resistência judaicas. E também por ter “um elenco de luxo”, com José Raposo e Rita Ribeiro, que regressa aos palcos 10 anos depois de ter trabalhado pela última vez com o homem que mudou a paisagem do espectáculo em Portugal, à cabeça.

Por Jorge Carvalho

Está tudo a postos para a estreia nacional de «Um Violino no Telhado»?

Está. Mas, por culpa minha, porque adoeci, a estreia só vai ser no dia 27. Estive um bocado à rasca, mas tenho vindo a melhorar.

Não vai estar na estreia do musical no Teatro Rivoli?

Vou. Se Deus quiser. Vou estar na estreia e tenho estado em todos os ensaios. 'Um Violino no Telhado' é uma megaprodução. É uma produção ao nível de Nova Iorque e de Londres. Aliás, tive oportunidade de assistir ao espectáculo em Londres e era muito inferior ao que vai estrear em Portugal, nomeadamente do ponto de vista da encenação. E não só. O musical tem um elenco verdadeiramente de luxo, com grandes actores, como o José Raposo, que vai fazer o papel da sua vida, ao interpretar Tevye, o filósofo leiteiro, a Rita

Ribeiro, que faz de sua mulher, a Golde, o Joel Branco, a Helena Rocha, ou o Hugo Rendas, que acaba de ganhar o prémio para actor-revelação com 'Jesus Cristo Superstar' e 'Música no Coração'. Com 'Um Violino no Telhado', também tem uma representação fantástica. Assim como a de José Raposo e de Rita Ribeiro. A Helena Rocha também faz uma personagem extraordinária, que é a casamenteira. O resto do elenco é constituído por todos os talentos que eu vim descobrir no Porto.

Alguns voltam mesmo ao Porto, depois de terem participado em «Jesus Cristo Superstar», em Lisboa.

A Sara Lima é um dos poucos actores que regressam ao Porto. Estava a fazer de Maria Madalena em Lisboa e foi substituída pela Anabela. Em 'Um Violino no Telhado', vai fazer o papel de Tzeitel, a filha mais velha de Tevye.



SOCIEDADE

As estreias nacionais dos espectáculos que produz passaram definitivamente de Lisboa para o Porto?

Não. Aconteceu. Não sei se vou ter resistência para continuar no Porto. Estou extraordinariamente cansado, porque giro dois teatros, quase três, em Lisboa e no Porto. As obras do Olympia já começaram e tudo vai depender da vontade de Deus. E de eu ter saúde.

Como convenceu Rita Ribeiro a voltar aos palcos, 10 anos depois?

Não convenci. Convidei-a e o convite foi aceite. Há 10 anos que não trabalhava com Rita Ribeiro, que teve os maiores êxitos da sua carreira comigo, com, por exemplo, 'Passa Por Mim no Rossio', 'Maria Callas', 'Rosa Tatuada', ou 'What Happened to Madalena Iglesias'. Vai fazer um papel próprio de uma grande atriz, cheio de humanidade. Enquanto José Raposo faz de filósofo, Rita Ribeiro interpreta uma mulher de trabalho, que tem de criar os filhos num ambiente de grande dramatismo. A peça tem muito a ver com os portugueses, principalmente com os milhares de retornados que foram obrigados a deixar para trás as suas terras de um dia para o outro. A Helena Rocha, que nasceu no Lobito, em Angola, todos os dias chora porque a peça tem muito que ver, de facto, com o sofrimento dos retornados portugueses. Em 'Um Violino no Telhado', está tudo o que é uma mudança e o que uma revolução traz: sombra e luz.

É o maior investimento que faz num musical?

É. É, inquestionavelmente, o maior de todos quantos fiz até hoje. É um grande musical. E uma enorme aposta. É um musical com uma grande mensagem, muito forte, de humanismo e de resistência. Tudo é passado nas vésperas da Revolução de Outubro na ex-União Soviética no seio de uma comunidade judaica. Todo o ambiente é judaico na peça. Houve mesmo necessidade de contra-



Sissi Martins e Ruben Madeira numa interpretação com emoção



Os actores mais jovens garantem presença



Inna Lisniak em ensaios com o corpo de dança, onde se destacam quatro bailarinos russos

FILME

Fiz 'Amália' sem um tostão

Vai ver «A Voz do Povo», o filme sobre a vida de Amália? Não sei. Desejo os maiores êxitos ao filme. Já dei o meu contributo, que foi grande. À Amália Rodrigues já fiz a minha homenagem.

O guião é fiel ao que conhece de Amália?

Não faço ideia. Não conheço o guião. Aliás, acho que o filme não está sequer ainda a ser filmado.

Vai estar atento?

Vou. Como estou atento a toda a cultura portuguesa. E, de facto, a Amália diz-me muito. Oxalá que quem está a fazer o filme tenha o amor que eu tive quando fiz o musical. Fizemos o musical dedicado a Amália sem um tostão – o filme parte com quatro milhões de euros. Fiz o musical de 'Amália' pelo entusiasmo do dr. João Carlos Abreu, que era então secretário Regional do Turismo e Cultura da Madeira. Aliás, a estreia foi feita na Madeira, porque não havia teatros para estrear no Continente. Depois, o musical transformou-se num enorme sucesso. Tenho a certeza de que o nome e a personalidade de Amália despertaram paixões em várias gerações. Amália é uma referência. Um ícone.

[Vai voltar a escrever] Muito brevemente. 'Um Violino no Telhado' e 'West Side Story' serão os meus últimos clássicos. Já fiz todos os grandes clássicos musicais (...) [O quê?] Não digo. Está no segredo da minha alma

tar quem ensinasse todas as tradições judaicas. É uma peça universal. Aliás, o maior êxito que teve foi no Japão. 'Um Violino no Telhado' foi a peça que mais tempo esteve na Broadway. Foram mais de quatro mil representações em quase 10 anos. É, de facto, uma história transversal. Um conflito de gerações. É um Mundo que se esvai para ser substituído por outro. É uma peça extraordinária. É quase a 'Mãe Coragem', de Brecht, com quem por vezes é mesmo comparado. É um espectáculo que se faz uma vez na vida. Para além de ter a espectacularidade de 'Jesus Cristo Superstar' e de 'Música no Coração', tem ainda uma mensagem humana fortíssima. E um grande texto literário, que interroga a relação entre Homem e Deus.

Quanto vai custar?

Um musical como 'Um Violino no Telhado' custa sempre 250 mil contos. Não se pode perder de vista que em causa está um

grande elenco. Tiveram mesmo de vir bailarinos ucranianos para fazer o espectáculo, porque os bailarinos portugueses não têm preparação para interpretar as danças que são exigidas no musical. Um dos momentos altos do espectáculo deve-se mesmo aos bailarinos ucranianos. É de abrir a boca. A madeira gasta no cenário, por exemplo, é brutal.

E compensa?

Não sei. Mas, na vida, não se pode fazer tudo para compensar. Mal das pessoas que pensam assim. Temos de apostar e de arriscar. Eu, por exemplo, aposto no público, que tem demonstrado uma grande curiosidade pelos meus espectáculos. E não o posso desiludir. Uma coisa estou em condições de garantir em relação a 'Um Violino no Telhado': o público não consegue ver melhor em Londres ou em Nova Iorque. Já com 'Jesus Cristo Superstar' foi a mesma coisa: os próprios autores disseram que era a melhor produção que tinham visto. Com 'My Fair Lady', também foi assim. Espero que aconteça o mesmo em 'Um Violino no Telhado'. O que me faz correr é o sonho. A vida é curta e tenho de me apressar para concretizar todos os sonhos que tenho. E escrever. Precisava de ter sete vidas, como os gatos.

Seis meses em cena**Espera uma afluência de público como em «Jesus Cristo Superstar»?**

Espero. O espectáculo é extraordinário. Em Portugal, não há um outro espectáculo com quem 'Um Violino no Telhado' se possa comparar. Julgo mesmo que será

Uma coisa estou em condições de garantir em relação a 'Um Violino no Telhado': o público não consegue ver melhor em Londres ou em Nova Iorque. Já com 'Jesus Cristo Superstar' foi a mesma coisa: os próprios autores disseram que era a melhor produção que tinham visto



RIVOLI

Parece que estou no Planeta Hollywood

A aposta no Porto tem valido a pena?

Acho que sim. Hoje, o Teatro Rivoli tem uma actividade que não tinha. O Café Concerto, por exemplo, acabou de ser inaugurado. Quando almoço no novo espaço, parece que estou no Planeta Hollywood. O Rivoli nunca teve tanta afluência de público como agora. E público de todo o País. Aliás, já há marcação de excursões vindas de todo o País para ver 'Um Violino no Telhado'.

A revitalização de um espaço como o Rivoli está feita?

Um dos pressupostos da minha vinda para o Porto tinha, de facto, a ver com a revitalização do Rivoli. Mas, sem o pressuposto de ter conseguido encontrar um grupo de actores cheio de talento, não teria sido possível.

Como está o processo de concessão do Rivoli?

Como o smoking, é outro dos aspectos com que não me preocupo. Não me interessa nada. A mim só me interessa o teatro.



um espectáculo que vai exceder todas as expectativas de quem o vier ver.

Quanto tempo vai estar em cena?

O espectáculo vai estar em cena, seguramente, mais de seis meses. Se assim não for, será um fiasco. Mas acredito que não vai ser. Porque o espectáculo é extraordinário e o público vai querer ver mais do que uma vez. Nem que viaje para Nova Iorque terá oportunidade de assistir a um espectáculo com o nível do que vai estreiar dia 27 no Rivoli.

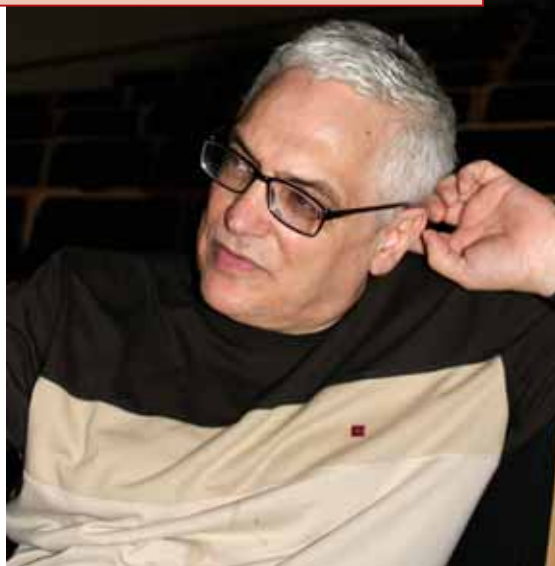
Vai voltar a exigir smoking para o dia de estreia?

Não faço a mínima ideia. Não trato de nada que seja convites, festas e smokings. É uma questão que tem de ser posta ao Carlos Gonçalves e à Irene de Sousa.

Tem outros projectos para o Porto?

Uma coisa de cada vez. 'Um Violino no Telhado' é um grande projecto. É mesmo um projecto megalómano para o Porto. E vai

A peça tem muito a ver com os portugueses, principalmente com os milhares de retornados que foram obrigados a deixar para trás as suas terras de um dia para o outro (...) Em 'Um Violino no Telhado', está tudo o que é uma mudança e o que uma revolução traz: sombra e luz



ser preciso esperar. Para ver como toca o violino.

Não confirma «Alice no País das Maravilhas» em simultâneo com «Um Violino no Telhado» no Rivoli?

Paralelamente com 'Um Violino no Telhado', vamos, de facto, fa-

zer «Alice no País das Maravilhas» para as escolas. Afinal, milhares de crianças vieram ver «O Príncipezinho».

Quando entra em cena?

Julgo que em Dezembro, quando as escolas já estiverem a funcionar em pleno.

MUSICAIS

Os meus dois últimos grandes clássicos

Quando volta a escrever para teatro?

Muito brevemente. 'Um Violino no Telhado' e 'West Side Story' serão os meus últimos clássicos. Já fiz todos os grandes clássicos musicais.

E vai parar?

Se tiver saúde, vou escrever. Desde os 16 anos que escrevo.

O que vai escrever?

Não digo. Está no segredo da minha alma.

Já sabe quando vai estreiar 'West Side Story' em Lisboa?

O 'Jesus Cristo Superstar' ainda é um grande êxito em Lisboa, pelo que apenas lá para o final do ano haverá condições de estreiar 'West Side Story'.

É verdade que, depois de Porto e Lisboa, «Jesus Cristo Superstar» vai para Portimão?

Sinceramente, não sei ainda. Há, de facto, a possibilidade de o espectáculo ir para o Algarve e para Paris, mas ainda não está nada definido. Não posso ir com 120 pessoas para um lado qualquer sem ter tudo tratado. Não é bem uma pequena companhia de três pessoas que está em causa.

Reciclagem/Reutilização e Recolha Selectiva

de Consumíveis Informáticos de Impressão

TINTEIROS • TONERS • FITAS

Rua G, 45 (Junto ao Parque Biológico)
4430 - 679 Avintes

Poupando ... com Qualidade.

Garantia e Economia
Seja Amigo do Ambiente,
reutilizando os consumíveis
informáticos...
de qualidade

50%
Mais Económico

Telefone: 227 849 380
Fax: 227 849 382



Gestor de Resíduos - Alvará nº 47/2007
CCDR - N

E-mail: info@cipreco.com
www.cipreco.com

Audiência